

Janeiro de recordes

Mês teve a maior máxima em 30 anos e a umidade relativa mais baixa em quatro décadas

ELENI DESTRO

Especial para a Gazeta

Janeiro nem terminou e já é um mês de recordes quando o assunto é clima. A temperatura máxima absoluta registrada em Piracicaba chegou a 37%. A mais alta até então era 36,9°C do mesmo mês de 1984, há 31 anos. Já a umidade relativa do ar mínima foi a 25%, índice comum apenas em meses muito secos de inverno. A mais baixa registrada havia sido 39%, há 43 anos. Os dados são do Posto Meteorológico da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), criado há 98 anos.

De acordo com Paulo César Sentelhas, professor do Departamento de Engenharia de Biosistemas da universidade, janeiro de 2015 supera janeiro do ano passado, um mês já atípico e bem quente, quando foram registradas temperaturas de 35,9°C e umidade mínima de 46%. A chuva, que era esperada neste mês, também não veio. "Hoje (ontem) estamos com 97,2 milímetros, mas a situação ainda é crítica porque a média para o mês de janeiro é de 220 mm", explica Sentelhas. "A situação é preocupante. No ano passado, o mês de janeiro foi crítico. Tivemos um verão muito seco. E este ano está pior. Choveu 941 mm em 2014. Fazia, praticamente, 30 anos que não tinha um cenário tão crítico assim. A última vez foi em 1984, com 890 mm,



Antonio Trivelin

Quente: este mês foi registrada máxima absoluta de 37°C, a maior do mesmo período em 30 anos, segundo Esalq

então, o valor é o mais baixo dos últimos 30 anos e o mais baixo de toda a série histórica do Posto Meteorológico, em 97 anos", afirma Sentelhas.

No ano passado, devido à seca, a vazão do rio Piracicaba atingiu sua menor vazão em 50 anos, no mês de outubro, com 7,6 metros cúbicos por segundo. Durante grande parte de 2014, suas pedras ficaram aparentes. "Depois de um período seco como esse, ter um

janeiro, no qual a expectativa era de bastante chuva para dar recarga nos mananciais, é realmente preocupante", analisa o professor.

MANANCIAIS

Piracicaba não enfrenta racionamento de água, apesar da falta de chuvas atípica, que atinge a região e o Estado de São Paulo há mais de um ano.

A situação se complica em São Paulo e nos municípios da

Grande São Paulo, que são abastecidos pelas represas do Sistema Cantareira, que está com 5,1% de sua capacidade. Ontem, pelo terceiro dia consecutivo, o nível do reservatório manteve-se estável, de acordo com relatório da Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo), por causa da pluviometria de 7,6 milímetros.

Diante da crise, a região pode enfrentar um rodízio no for-

necimento de cinco dias sem água para dois com abastecimento. Ontem, o secretário estadual de Recursos Hídricos, Benedito Braga, participou de reunião com o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), e com outros gestores da região metropolitana para falar sobre o assunto. Ele tentou passar uma mensagem de tranquilidade após a notícia da possibilidade desse formato de racionamento.

Segundo o secretário, "todas as alternativas" de racionamento estão em estudo, mas nada será feito sem a devida comunicação aos prefeitos e à população. "Se isso (o rodízio) vier a acontecer, todo mundo será informado com a devida antecedência. Não é da noite para o dia. A situação é difícil, sem dúvida nenhuma, mas não há necessidade para ficar em desespero", disse Braga aos jornalistas. Sobre a probabilidade de haver o racionamento, Braga disse que a previsão meteorológica hoje "é difícil" e que será necessário aguardar pelas chuvas de fevereiro para saber qual medida será necessária.

Ele afirmou que as alternativas estão sendo estudadas e que, em caso de rodízio, pequenas obras serão necessárias, sem contudo detalhar quais são. O secretário disse também que serão analisadas formas de não comprometer o fornecimento a locais com escolas, hospitais e presídios.